

## A LÓGICA ALGORÍTMICA E A QUESTÃO DO PODER: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE FOUCAULT

Mariana Calonego <sup>1</sup> e Márcio Antônio Gatti <sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando a presença marcante das tecnologias computacionais no cotidiano das pessoas e o modo como influenciam a aquisição de hábitos na atualidade, este escrito se propõe a analisar, a partir de Foucault (1987; 2008; 2015), o modo de operação do poder através das tecnologias. Para isso, tomamos os conceitos foucaultianos de poder e dispositivo. O primeiro enquanto uma operação implicada e exercida em todas as faces da sociedade, atravessada por um cálculo que tem fins e objetivos específicos, e o segundo, como um aparato, uma rede, que gerencia e faz parte do acontecimento, cuja dimensão teria uma função estratégica dominante. Considera-se que as ferramentas de cálculo computacionais, os algoritmos, influenciam o modo como os usuários navegam na *web*. Por meio do extrativismo de dados, os algoritmos podem personalizar a experiência dos usuários, promovendo o consumo e o fornecimento voluntário de dados. A ideia de poder pastoral enquanto condução do coletivo e do individual, ao mesmo tempo e numa determinada direção, e a de panoptismo como estratégia de vigilância, parecem apropriadas para considerar uma prática de governo, de direcionamento, via algoritmos. A partir disso, consideramos que as tecnologias digitais compõem uma nova instância de poder acoplada aos discursos neoliberais, que produzem uma sensação de redução entre aquele que detém o poder e quem está submetido a ele, fazendo o sujeito operar o poder sobre si mesmo. Por fim, propomos pensar lutas e resistências enquanto modos de contra condutas a esta forma de governo.

**Palavras-chave:** Poder; Foucault; Algoritmos; *Web*.

### THE ALGORITHMIC LOGIC AND THE QUESTION OF POWER: A REFLECTION FROM FOUCAULT

**Abstract:** Considering the massive presence of computer technologies in people's daily lives and how they influence the acquisition of habits nowadays, this writing has a purpose of analyzing, from Foucault (1987; 2008; 2015), the operation mode of power through technologies. For that, we assume the Foucauldian concepts of power and device. The first as an operation implied and exercised on all sides of society, crossed by a calculation that has specific aims

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – campus de Sorocaba. Psicóloga. E-mail: [marianacalonego@hotmail.com](mailto:marianacalonego@hotmail.com).

<sup>2</sup>Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor na universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) – *campus* de Sorocaba. E-mail: [maggatti@ufscar.br](mailto:maggatti@ufscar.br).



and objectives, and the second one as an apparatus, a network, that manages and belongs to happening, whose dimension would have a dominant strategic function. It's considered that computational calculation tools, the algorithms, influence the way users browse the web. By data extractivism, the algorithms can personalize the users experience, promoting the consumption and the voluntary provision of data. The idea of pastoral power as conduction of the collective and the individual, simultaneously and in a certain direction, and the panoptism as a surveillance strategy, seem appropriate to consider a government practice, of direction, via algorithms. From this, we consider digital technologies compose a new instance of power coupled with neoliberal discourses, which produce a sense of minimization between those who hold power and those who are submitted to it, making the subject operate the power over himself. Finally, we propose to think struggles and resistance as counter-conducts to this form of government.

**Key words:** Power; Foucault; Algorithms; Web.

## 1. Introdução

A presença marcante das tecnologias computacionais e da internet no cotidiano das pessoas tem favorecido hábitos nunca antes possíveis. Informação, consumo, entretenimento, trabalho, estudos e interação social, frequentemente ficam sob os intermédios das plataformas digitais, que estão cada vez mais incorporadas às atividades humanas. Arelada ainda ao contexto pandêmico<sup>3</sup> de medidas restritivas e isolamento social, a inserção das tecnologias na rotina da população se dá de modo ainda mais contundente.

Um dos traços característicos do nosso tempo é a presença generalizada de "ferramentas e de máquinas de cálculo ou computacionais em todas as facetas da vida social" (MBEMBE, 2017, p. 29), o que traria como consequência uma crescente indistinção entre o humano e a máquina. A sensação de onipresença que o sujeito experimenta a partir do fenômeno digital contribui para que não haja clara separação entre a vida e a tela, de modo que a vida se passa na tela e a tela simula a vida, segundo o autor. A partir disso, haveria uma mútua ligação entre humanos e máquinas.

Os hábitos de nunca se afastar do *smartphone*, de "dar um *Google*" sempre que se quer acessar uma informação, ou de se comunicar com o outro via aplicativos de mensagens, revelam o poder e a dimensão que o uso tecnológico adquiriu em nossas vidas nos últimos anos. A facilidade, o conforto e a eficácia que as tecnologias promovem sobre as ações cotidianas revelam os ganhos adquiridos com esses novos hábitos. Em uma sociedade multitarefa, sem pausa, que exige eficiência, faz-se bastante conveniente o uso de máquinas que agilizam e otimizam processos, para os quais, sem a mediação tecnológica, seria necessário mais tempo. Além disso, o fato de as máquinas identificarem e

<sup>3</sup> Nos referimos à pandemia do novo Coronavírus – SARS-coV-2 – que se alastrou pelo mundo em 2020.



anteciparem nossos interesses e desejos a partir da leitura das “pegadas” que deixamos no espaço digital, nos dá a sensação de que sabem das nossas necessidades melhor do que nós mesmos.

Porém, tais hábitos não são sem consequência. A questão do hábito é analisada por Michel Foucault enquanto um aparato apresentado sempre como positivo ao qual as pessoas devem aderir ou se submeter, sendo ao mesmo tempo natural e artificial. Revela a extensão de algo que possa se apresentar como instituição ou autoridade e se produz como um aparato para fabricar disciplinas (FOUCAULT, 2015, p. 215). O hábito opera, portanto, como um cálculo de poder.

Partindo desta ideia, este ensaio teórico propõe levantar reflexões em torno da forma como as grandes empresas de tecnologias digitais operam o poder se fazendo presentes no cotidiano das pessoas. Para isso, buscar-se-á compreender, a partir de Foucault, como a lógica algorítmica, que rege o funcionamento das plataformas digitais, atua enquanto ferramenta de controle. Considera-se que a estrutura a partir da qual Foucault analisa a questão do poder contribui para a compreensão dos dispositivos que mantêm em funcionamento certos tipos de operações que conduzem a vida das pessoas, como parece ser o caso das tecnologias. Para isso, serão exploradas as ideias de poder (FOUCAULT, 2015), dispositivo (FOUCAULT, 2012), poder pastoral (FOUCAULT, 2008) e panoptismo (FOUCAULT, 1987), tais como desenvolvidas pelo autor.

Apesar de os tempos atuais serem marcados por particularidades que muito diferem do século passado, quando Foucault desenvolveu sua obra, considera-se que suas contribuições permanecem favorecendo a reflexão em torno de diversas questões sociais atuais. Articular seu pensamento à temática da virtualidade é o exercício que se pretende fazer neste ensaio teórico.

## **2. O poder e suas ferramentas de controle**

De fato, o sujeito e a sociedade atual se transformaram desde os escritos de Foucault. O modo como o poder opera pode ter mudado de formato atualmente, mas o próprio Foucault não pretendia que sua análise sobre o poder fosse aplicada como uma generalização para toda a história (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 202). Do mesmo modo, a noção de governo é tomada pelo autor enquanto um acontecimento histórico e não universal, de modo que as práticas de governo acompanham o curso da história.

Não sendo necessariamente uma exclusividade do Estado, as práticas de governo estão presentes em qualquer modo de convivência entre indivíduos, por mais microfísica que seja esta relação. Governar, neste sentido, diz respeito a guiar alguém por um determinado caminho. Tem, portanto, como finalidade conduzir as condutas, os caminhos e os modos de subsistência dos indivíduos, operando sempre sobre as pessoas, as coletividades, nunca sobre um território ou estrutura política, por exemplo (FOUCAULT, 2008; PORTO, 2020).



O meio de operação do governo é pela via do poder, que Foucault descreve como algo implicado em todas as faces da sociedade, não possuído por alguém, mas efetuado, exercido e continuamente renovado por vários indivíduos (FOUCAULT, 2015). O poder seria uma operação de tecnologias políticas por meio do campo social, e não uma mercadoria, uma posição, uma recompensa (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 203). Contém “todo um sistema de mediações, conexões, pontos de apoio, coisas tênues como família, relações sexuais, moradia e etc.” (FOUCAULT, 2015, p. 207), estando, portanto, articulado às diversas facetas da vida social.

O poder, para Foucault, não se exerce pela via da opressão, como se uns tivessem todo e outros nenhum. Para ele, o poder nunca está inteiramente de um lado, apesar de haver classes sociais que dispõem de um lugar privilegiado e através disso obterem um lugar de superpoder, mas este “nunca é inteiramente controlado de certo ponto de vista por certo número de pessoas” (FOUCAULT, 2015, p. 208). As relações de poder são, portanto, desiguais e móveis, enquanto operações cotidianas, espaciais e temporalmente localizadas (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 203).

Neste sentido, o que Foucault propôs enquanto poder favorece a compreensão em torno da eficácia da conexão virtual sobre o cotidiano das pessoas. Implicada em todo um sistema de rede, fazendo parte e mediando uma série de relações e atividades humanas, o poder tecnológico se efetuará como um pacto, uma concordância generalizada, sobre seu uso. Porém, fará operar uma relação de poder desigual, uma vez que as *Big Techs*<sup>4</sup> detêm o controle sobre as possibilidades de uso dos usuários, além do modo de regência das plataformas por meio do dispositivo algorítmico computacional.

Assim como as práticas de governo se valem de uma dinâmica de cálculos pautados na verificação dos fenômenos populacionais e dos fatores atrelados a eles para a condução da boa conduta das pessoas, as tecnologias, em posse de sofisticadas ferramentas de cálculo autônomas podem “fabricar políticas de otimização da capacidade de controle, objetivando produtividade e aumento do capital” (TELES, 2017, p. 433). A tecnologia algorítmica introduz, portanto, uma nova lógica de dominação:

O surgimento da internet trouxe consigo novas formas de sociabilidade e alterações na lógica da dominação introduzida pela tecnologia algorítmica e sua relação com o neoliberalismo. (...) Tais tecnologias podem ser descritas com o conceito foucaultiano de poder pastoral, em vista do caráter simultaneamente coletivo e individualizado de dominação que elas permitem. Essa forma de poder não se exerce apenas com os recursos retóricos, mas age em um nível mais silencioso e sutil, aquele sobre as futuras ações possíveis (SILVA JUNIOR, 2021, p. 257).

<sup>4</sup> Grandes empresas de tecnologia da informação estadunidenses, como Google, Meta e Microsoft.



A noção de poder pastoral advém da ideia eclesial da relação pastor-rebanho, em que a função daquele que está na posição de ordenar deve ser tal qual a de um pastor na relação com suas ovelhas, ou seja, tem o dever de cuidar e zelar pelo seu rebanho, tendo como norte a sua salvação. A função do pastor, neste sentido, é a de guiar e conduzir o rebanho na direção correta, ou seja, ditar a lei. A coletividade é conduzida para um bem que é, ao mesmo tempo, comum e individual. Tal é o caráter paradoxal do governo pastoral: o pastor deve cuidar de todas as ovelhas e seu trabalho só é bem efetuado na medida em que nenhuma ovelha lhe escapa (FOUCAULT, 2008; PORTO, 2020).

Para isso, o poder pastoral requer um exame minucioso, uma vigilância constante para o controle, tanto do coletivo, quanto do individual, sobre o que todos e cada um precisa. Assim, o poder é justificado pelo saber do pastor sobre o que é melhor para seu rebanho, o que lhe dá o direito de governar, controlar e manipular suas condutas ao longo de toda a vida. Neste sentido, ao rebanho resta a obediência cega, a submissão pura ao seu dirigente, que comanda e ordena sua vida, o que faz com o que o indivíduo renuncie à própria vontade e subjetividade. O governo pastoral passa a dirigir, portanto, não somente as condutas, mas as consciências de cada uma das ovelhas (FOUCAULT, 2008; PORTO, 2020).

A possibilidade de coletar, agregar e analisar automaticamente grandes quantidades de dados que personalizam, afetam e antecipam os comportamentos possíveis dos indivíduos no espaço digital configura um modo de governar efetivado por meio de algoritmos. Um governo que conduz tanto o coletivo, quanto o indivíduo, na medida em que, ao mesmo tempo que direciona todos os usuários para a mesma lógica de consumo da rede, personaliza o uso que cada um faz dela. Esta descentralização do indivíduo sobre suas escolhas indica a necessidade de compreender esta manipulação das relações de força que podem se desenvolver em uma determinada direção. Para isso, partir-se-á do conceito de dispositivo, cuja função é eminentemente estratégica.

### **3. Algoritmos: um dispositivo neoliberal**

Foucault propõe a ideia de dispositivo enquanto uma rede que se pode estabelecer entre "discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas" (FOUCAULT, 2012, p. 364). Ou seja, elementos heterogêneos que permitem compreender o dispositivo enquanto um aparato que não diz respeito àquilo que está explicitado em uma escritura ou lei, mas que a ultrapassa e vai ao encontro do que está também implícito. Além disso, o dispositivo se coloca tanto quanto o que gera e gerencia o acontecimento, quanto o acontecimento em si (MEDEIROS, 2020). Esta dimensão do dispositivo teria, portanto, uma função estratégica dominante.

Estando a serviço das estratégias que são colocadas pelos dominantes, o dispositivo compõe um enlace de disposições daquilo que é, ou deve ser, instaurado (MEDEIROS, 2020). Paralelamente, Foucault afirma que as relações

de poder não são subjetivas e sim intencionais e que sua clareza está em sua intencionalidade. Esta é inteiramente atravessada por um cálculo, já que o poder sempre se exerce com uma série de fins e objetivos (DREYFUS; RABINOW, 1995).

Se na época de Foucault o poder se efetuava acoplado a poderes distribuídos em instâncias, como a família, comunidades religiosas e grupos profissionais (FOUCAULT, 2015, p. 209), na atualidade, as formas de comunicação digital que fazem uso da internet, parecem compor uma nova instância, cujo poder se faz presente por meio dos discursos que podem influenciar as opiniões, identificações, interesses, conhecimento e saberes de seus usuários. As plataformas digitais de comunicação “podem ser vistas e pensadas como a cristalização desses dispositivos, uma vez que os sujeitos estão envoltos em seus sistemas” afirma Medeiros (2020, p. 207). A internet, por meio das *Big Techs*, estaria, portanto, funcionando como um dispositivo de controle.

Considerando o modo de funcionamento do espaço digital, definido por Martins (2018, p. 54) como:

o espaço do que se produz por meio de uma máquina de processamento simbólico que opera e transforma ondas elétricas em sinais binários, conhecidos por 0s e 1s, permitindo a construção de inúmeras estratégias de cálculo desses sinais e sua recombinação por meio de algoritmos que repetem blocos de cálculos complexos em uma velocidade muito superior comparada à velocidade da cognição humana,

as ferramentas de cálculo, como os algoritmos, têm portanto função primordial sobre o modo como a *web* opera, modulando a experiência *online* de seus usuários.

Por meio dos algoritmos, as plataformas levantam informações sobre o modo como os usuários utilizam a rede e direcionam seu uso de acordo com suas supostas preferências. Filgueiras e Antunes (2020, p. 67) definem os algoritmos como programas “comandados pelas corporações globais para processar grande volume de informações”. As empresas de tecnologia se valem desses programas para exercer o extrativismo de dados, o recurso mais importante do século XXI, como afirma Morozov (2018). Este autor acrescenta que os usuários seriam estoques de informações valiosas, uma vez que estas viabilizam a publicidade e, quanto mais dados, maior a possibilidade de gerar publicidade por usuário.

Para que os participantes da rede compartilhem voluntariamente dados sobre si, as empresas de tecnologia criam formas inteligentes, como sistemas para distraí-los e maximizar a possibilidade de fornecimento destas informações, que são coletadas nos diferentes espaços digitais por onde o usuário circula (MOROZOV, 2018). Desse modo, a forma como a rede virtual opera está subordinada a um dispositivo de relações de poder que é atravessado, em especial, pelo dispositivo mercadológico. Já que as plataformas digitais de comunicação contemplam e transmitem os discursos da atualidade, elas são o

principal dispositivo para a sociedade de controle na contemporaneidade (MEDEIROS, 2020).

Neste sentido, os modos de subjetivação ficariam atrelados aos discursos e dispositivos sociais que pela via algorítmica inauguraram uma nova racionalidade governamental e que:

Se alimentaria de dados objetivos, aparentemente insignificantes e sem a marca do sujeito. Criam-se modelos de comportamento sem que o indivíduo perceba a condução de suas ações pelas funções acionadas via algoritmos. E quanto mais se utiliza dos dispositivos tecnológicos, mais se potencializa o governo e sobre uma mais ampla gama de grupos e indivíduos ela produz efeitos (TELES, 2017, p. 440).

Este modo de governo compõe o funcionamento do projeto neoliberal, que, mais do que uma teoria política econômica, é uma "racionalidade política que se mostrou mundial e que consiste em impor, por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até converter na forma de subjetividades a na norma das existências" (DARDOT; LAVAL, 2020). Assim, a ordem do desempenho deixa de ser um imperativo do outro sobre o sujeito e passa a ser um mandato do próprio sujeito.

Na sociedade disciplinar de Foucault, uma vez que o capitalismo não encontra força de trabalho pronta, faz-se necessário que o tempo dos indivíduos seja submetido ao tempo do lucro. Para isso, os operários são submetidos a diversas formas de controles que mantêm sua fixação nos postos de trabalho, dispondo da sua força de trabalho por certo período de tempo (FOUCAULT, 2015). Byung-Chul Han (2017a, p. 23) afirma que a sociedade do século XXI "não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho". Nesta nova era do capitalismo, a relação explorador-explorado é diferente.

O sujeito do desempenho é, por um lado, livre do imperativo externo que o explora e o obriga a trabalhar, mas por outro, refém de si mesmo, uma vez que a autoexploração não leva a uma real liberdade e falta de coação, estas passam a ser produzidas pelo próprio sujeito, agora agressor e vítima ao mesmo tempo. Empresário de si mesmo, o sujeito neoliberal acredita que o poder é ilimitado e a autoexploração é tida como desempenho necessário ao "sucesso" (HAN, 2017a).

Se a era industrial se valia de aparatos de controle em prol da produtividade e, conseqüentemente, do lucro, a atual era digital se vale dos discursos neoliberais propagados via algoritmos (que ditam o que se quer, quando se quer e como se quer) enquanto dispositivo de controle em prol, tanto da extração de dados dos usuários (o recurso mais importante do século) a favor do lucro, quanto do ditame normativo sobre o que se deve buscar e desejar. Se por um lado a evolução tecnológica expulsa o sujeito dos postos de trabalho, por outro parece mantê-los rendendo lucros e escravos do desempenho e da performance, cujo objetivo final é o capital, o consumo.



Para que consumam, os sujeitos precisam se deparar, enquanto navegam na *web*, com produtos e serviços que despertem seu interesse, desejo ou até mesmo a sensação de que necessitam daquilo. Essa precisão entre demanda e oferta (nem sempre nesta ordem) só é possível devido às plataformas estarem atentas ao que provoca o interesse dos usuários – históricos de navegação, palavras-chave, tempo despendido em determinado conteúdo, etc. – levando a um estado de vigilância constante e permanente deste uso.

O que está implicado neste processo de vigilância muito se assemelha ao que Foucault propôs enquanto panoptismo. O projeto de Bentham, o panóptico, consistia em um projeto arquitetônico, cuja disposição permitia produzir um estado de vigilância – sobre detentos, doentes, operários, alunos – permanente e constante, sem que estes, vigiados, pudessem verificar se estariam sendo observados:

Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado, e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (FOUCAULT, 1987, p. 166).

Neste sentido, a visibilidade seria uma armadilha, cujo efeito mais importante seria o de assegurar o efeito automático do poder. Não podendo o vigiado se certificar dos olhares das autoridades sobre eles, estaria garantida a retomada espontânea às limitações do poder. O panóptico sustentaria, portanto, uma situação de poder cujos próprios submetidos seriam os portadores (FOUCAULT, 1987).

Essa “máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 1987, p. 167) é capaz de modular comportamentos, treinar indivíduos e fazer experiências. Na vigilância sistemática e permanente das grandes empresas de tecnologia sobre seus usuários, o poder se efetua sobre os sujeitos por meio de uma operação desigual (tal qual a estrutura do poder), criando estratégias a partir dos interesses dos usuários (dados devidamente recolhidos e processados) para mantê-los cada vez mais conectados e, voluntariamente, ou seja, fazendo o usuário operar o poder por conta própria, fornecer dados para a retroalimentação e manutenção do dispositivo.

Para Byung-Chul Han (2017b), não estaríamos vivendo o fim do panóptico, mas o começo de um novo tipo. A vigilância deste novo modo não se daria mais por um olhar onipotente e central. Esta distinção entre o centro e a periferia, fundamental para a proposta de Bentham, teria desaparecido e dado lugar a uma necessidade de desnudamento e exposição de si mesmo gerada pelo próprio sujeito.

Nesta perspectiva, “se os presos do panóptico de Bentham têm ciência de estarem constantemente sendo observados por um vigia, ilusoriamente os habitantes do panóptico digital imaginam estar em total liberdade” (HAN, 2017b, p. 108). Ao invés de isolados em jaulas, os habitantes da estrutura panóptica



digital estão interligados em rede e têm intensa comunicação entre si. No lugar de consumidores, se entregam voluntariamente ao olhar panóptico que controla e satisfaz suas necessidades. Desse modo, colaboram ativamente na edificação e manutenção do novo panoptismo, que sob este panorama, comporia um processo mais efetivo:

Hoje, o globo como um todo está se transformando em um único panoptico. Não existe um fora do panóptico; ele se torna total, não existindo muralha que possa separar o exterior do interior. Google e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas panópticas. Hoje a supervisão não se dá como se admite usualmente, como agressão à liberdade. Ao contrário, as pessoas se expõem livremente ao olho panóptico. Elas colaboram intensamente na edificação do panóptico digital na medida em que se desnudam e se expõem. O presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle (HAN, 2017b, p. 116).

Neste sentido, pode-se dizer que, se os algoritmos funcionam como projeto panóptico da internet, o discurso neoliberal, e seu efeito imperativista sobre o sujeito, funcionaria como o panóptico do próprio sujeito, já que este estaria em constante vigilância de si mesmo. Considerando que as tecnologias e os humanos são mutuamente afetados um pelo outro e se transformam concomitantemente, discurso neoliberal e os algoritmos computacionais parecem andar juntos na composição de um novo pacto social, de uma nova forma de governo.

Se as práticas de governo dizem respeito a um conjunto de ações pelas quais se dirigem as condutas; um conjunto de ações sobre ações possíveis, que podem ser facilitadas, dificultadas, induzidas ou desviadas (FOUCAULT, 2008), encontramos nas tecnologias formas de condução – de governo – sobre diversos fatores cotidianos. Se as redes da *web* propagam discursos sociais e são utilizadas para fins diversos, inclusive para formação de opinião em torno de temas importantes como política e saúde, é de grande importância levantar debates e reflexões acerca do modo como estas operam; e as contribuições de Foucault podem auxiliar em importantes interpretações de aspectos do funcionamento da internet como essenciais para a constituição do poder na contemporaneidade.

#### **4. Considerações finais**

A obra de Foucault fornece importantes subsídios para a compreensão em torno do modo como o poder opera. Na atualidade, as formas de controle parecem se alastrar sobre os dispositivos tecnológicos e discursos que ali circulam, tendo o sujeito contemporâneo papel crucial na sua efetivação. Este sujeito, que exerce o controle sobre si mesmo, a partir dos imperativos e discursos neoliberais que lhe dão a ilusão de “liberdade”, faz, ele próprio, o poder



operar sobre si, estando submetido à função estratégica do dispositivo tecnológico que sustenta uma instância de poder mercadológico. Neste sentido, a *web*, ao articular a participação do usuário com a comunicação em rede, reduz a distância entre superior e subordinado na efetivação do poder, sendo, portanto, um espaço importante de controle dos tempos atuais.

As operações de poder são constantemente atualizadas e renovadas, de modo a garantir o funcionamento das estruturas básicas de lei e disciplina (PORTO, 2020). Porém, um ponto de insistência da obra de Foucault é o das lutas e resistências, contracondutas que questionam os modos de governo. Onde há poder há resistência. Ou seja, onde o poder se efetua há práticas que criticam os modos de seu exercício e buscam limitar os efeitos de sujeição que ele produz. Estas práticas de contracondutas parecem ser bastante relevantes enquanto alternativas diante desta lógica neoliberal aprisionadora, que está implicada nas diversas facetas da vida, mas que se faz presente de forma massiva nos dispositivos eletrônicos e na internet.

Para que essas lutas se fortaleçam, é necessário conhecer o modo de operação implicado no uso das tecnologias de informação e comunicação, ou seja, o modo de governo sobre seus usuários. Este fator é de extrema relevância para considerar a possibilidade de práticas de resistência, já que as tecnologias estão, ao mesmo tempo, a serviço dos usuários e de seus desenvolvedores. Há, portanto, uma ambivalência que pode promover, do lado dos usuários, uma sensação ilusória de benefício absoluto e, do lado dos desenvolvedores, o exercício de uma operação em proveito desta sensação que seus serviços despertam nos usuários. As plataformas regem as possibilidades de seu uso a partir de seus próprios interesses, mas dão ao usuário a sensação de deter o domínio integral sobre suas escolhas enquanto navegam.

Estando nossa vida cotidiana atravessada pelas tecnologias, é necessário pensar sobre o impacto social que podem acarretar em médio e longo prazo. É desejável uma análise mais rigorosa sobre este campo, que contém profundas contradições e desafios éticos que são inerentes a todo avanço tecnológico. As novas ferramentas digitais têm funções e modos de uso variados, podendo se prestar a diversos fins com consequências complexas e até mesmo imprevisíveis. Para compreender como manejar essas questões, é necessário olhá-las para além da busca por respostas simples e unidirecionais.

Neste sentido, é importante a crescente ampliação de pesquisas científicas, debates e divulgação para o grande público sobre as formas de funcionamento da *web*. Os usuários precisam saber do efeito que o clique e o tempo gasto num determinado conteúdo produzem. O uso da *web* requer ser visto para além de seu uso já naturalizado nos aspectos cotidianos, também como um processo extremamente complexo e de efeitos múltiplos, para que os dispositivos de poder implicados nas plataformas estejam mais evidentes e não opacamente velados.

A partir disso, torna-se possível questionar o exercício de poder e encontrar táticas de resistência, que não dizem respeito a extinguir as tecnologias de nossas vidas, uma vez que são inquestionáveis seus benefícios, mas de estar



ciente de como operam sobre nossa subjetividade, nossas escolhas, desejos etc. E, assim, tornar o sujeito capaz de decidir como ser governado e por quem.

## Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A “nova” fase do neoliberalismo. **Outras Mídias**, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/dardot-e-laval-a-nova-fase-do-neoliberalismo/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **Uberização, trabalho e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 59-78.

FOUCAULT, Michel. Aula de 29 de março de 1973. In: **A sociedade punitiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1973/2015, p. 205-224.

FOUCAULT, **Microfísica do poder**. 25ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979/2012.

FOUCAULT, O panoptismo. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 190-219.

FOUCAULT, **Segurança, território, população: curso dado no College de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 1978/2008.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017b.

MARTINS, Dalton Lopes. As práticas da cultura digital. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 7, p.51-60, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.tainacan.org/wp-content/uploads/2019/02/ae47437a7b3e.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MBEMBE, Achille. A saída da democracia. In: MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017, p. 21-69.

MEDEIROS, Jackson da Silva. Algoritmos como dispositivos produtores de subjetividades: um ensaio de compreensão em Michel Foucault e Gilles Deleuze. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 201-211, jul./dez. 2020. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217238/001121227.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MOROZOV, Evgeny. A mediação digital de tudo: na interseção da política, da tecnologia e das finanças. In: MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 163-181.

PORTO, Giovane Moraes. Michel Foucault e o governo pastoral: um paradigma de exercício político. **RJLB**, Lisboa, v. 6, n. 3, p. 799-828, 2020. Disponível em: [https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/3/2020\\_03\\_0799\\_0828.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/3/2020_03_0799_0828.pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.

RABINOW, Paul.; DREYFUS, Hubert L. Poder e Verdade. In: RABINOW, Paul.; DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 202-224.



SILVA JUNIOR, Nelson. O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto edípico, pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?”, de Jair Bolsonaro. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 255-282.

TELES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **KRITERION**, Belo Horizonte, n. 140, p. 429-448, ago, 2008. <https://www.scielo.br/j/kr/a/PQTcJnpCGrP7PD5TrXKWzZm/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2022.

Recebido em: 28 de maio de 2022.  
Aceito em: 7 de julho de 2022.  
Publicado em: 11 de dezembro de 2022.

